



# Cyberbullying em Portugal durante a pandemia: 2º confinamento

Raquel António | Rita Guerra | Carla Moleiro

ISPA  APPsyCI APPLIED PSYCHOLOGY  
RESEARCH CENTER  
CAPABILITIES & INCLUSION **cis**\_iscte



**Por favor use esta referência para citar este trabalho:** António, R., Guerra, R., & Moleiro, C. (2021). *Cyberbullying em Portugal durante a pandemia: 2º confinamento*. APPsyCI - Ispa & Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa).



# Sumário

A utilização de plataformas digitais está associada a diversos benefícios (e.g., aumento do bem-estar pessoal), mas o cyberbullying é um dos riscos mais comuns associados à mesma. O cyberbullying consiste na utilização da tecnologia para assediar, ameaçar ou vitimizar outra pessoa de forma repetida e intencional. Este tipo de bullying realizado através de meios digitais pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora, para além dos portões das escolas; possibilita o anonimato do/a agressor(a) e pode gerar diversos efeitos negativos nas vítimas, como ansiedade.

Em 2020, um estudo realizado em Portugal relativo ao 1º período de confinamento obrigatório e de ensino à distância revelou que 61% dos jovens afirmavam ter sido vítimas de cyberbullying e que oito em cada dez foi testemunha deste tipo de comportamento online[1]. Em Portugal, o relatório EU Kids Online 2019, que inquiriu jovens entre os 9 e 17 anos, revelou que o cyberbullying predomina sobre o bullying tradicional (presencial). Mais de um quinto dos que sofre deste tipo de agressão indicou que esta ocorre várias vezes por mês, através de chamadas, mensagens ou por outra via.

Durante o período de confinamento decorrente da pandemia da Covid-19, vários especialistas alertam para o facto de milhões de crianças e jovens terem sido afectadas pelo fecho de escolas, passando a ter aulas e socializar mais online, deixando-as mais vulneráveis e expostas a serem vítimas de cyberbullying.

A principal contribuição deste estudo é analisar a frequência de cyberbullying em jovens portugueses durante o 2º período de confinamento obrigatório decorrente da pandemia do coronavírus, ou seja, entre janeiro e abril de 2021.

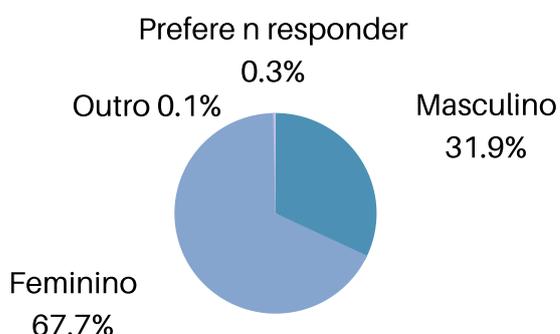
[1] António, R., Guerra, R., & Moleiro, C. (2020). Cyberbullying em Portugal durante a pandemia do Covid-19. Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL, ISCTE-IUL).



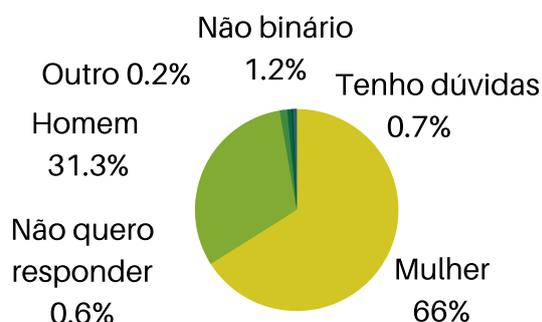
## Metodologia e Amostra

Os questionários estiveram disponíveis online entre maio e junho de 2021, podendo ser respondidos em qualquer local. Podia responder ao questionário qualquer pessoa a frequentar um nível de ensino e teria de ter mais de 13 anos de idade. A divulgação do questionário ocorreu de várias formas, mas sobretudo através de divulgação em redes sociais como o Twitter, Facebook e Instagram.

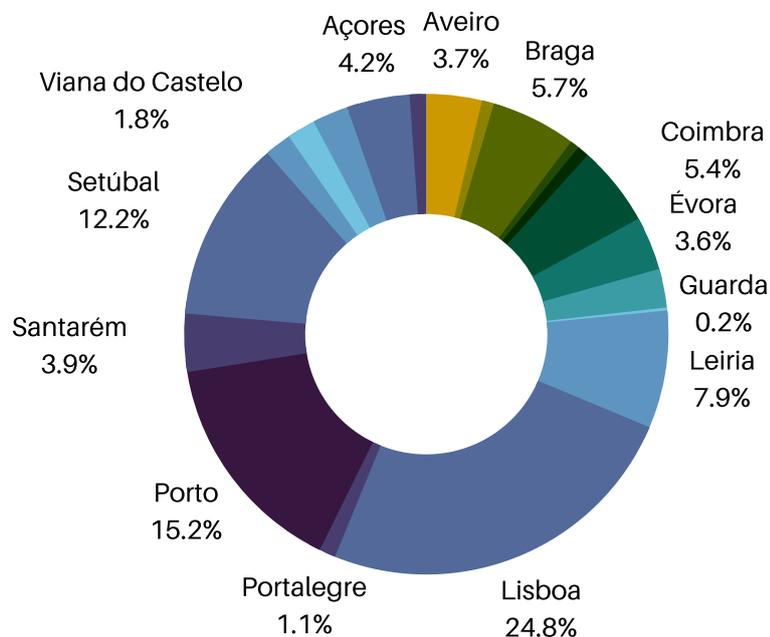
### Sexo



### Identidade de género



Participaram neste estudo **952 estudantes**, de todos os distritos de Portugal e ilhas, sendo a maioria de Lisboa (24.8%), 15.2% do Porto e 12.2% de Setúbal. 67.7% dos participantes eram do sexo feminino, com idades entre 13 e 30 anos (Média = 19.37).



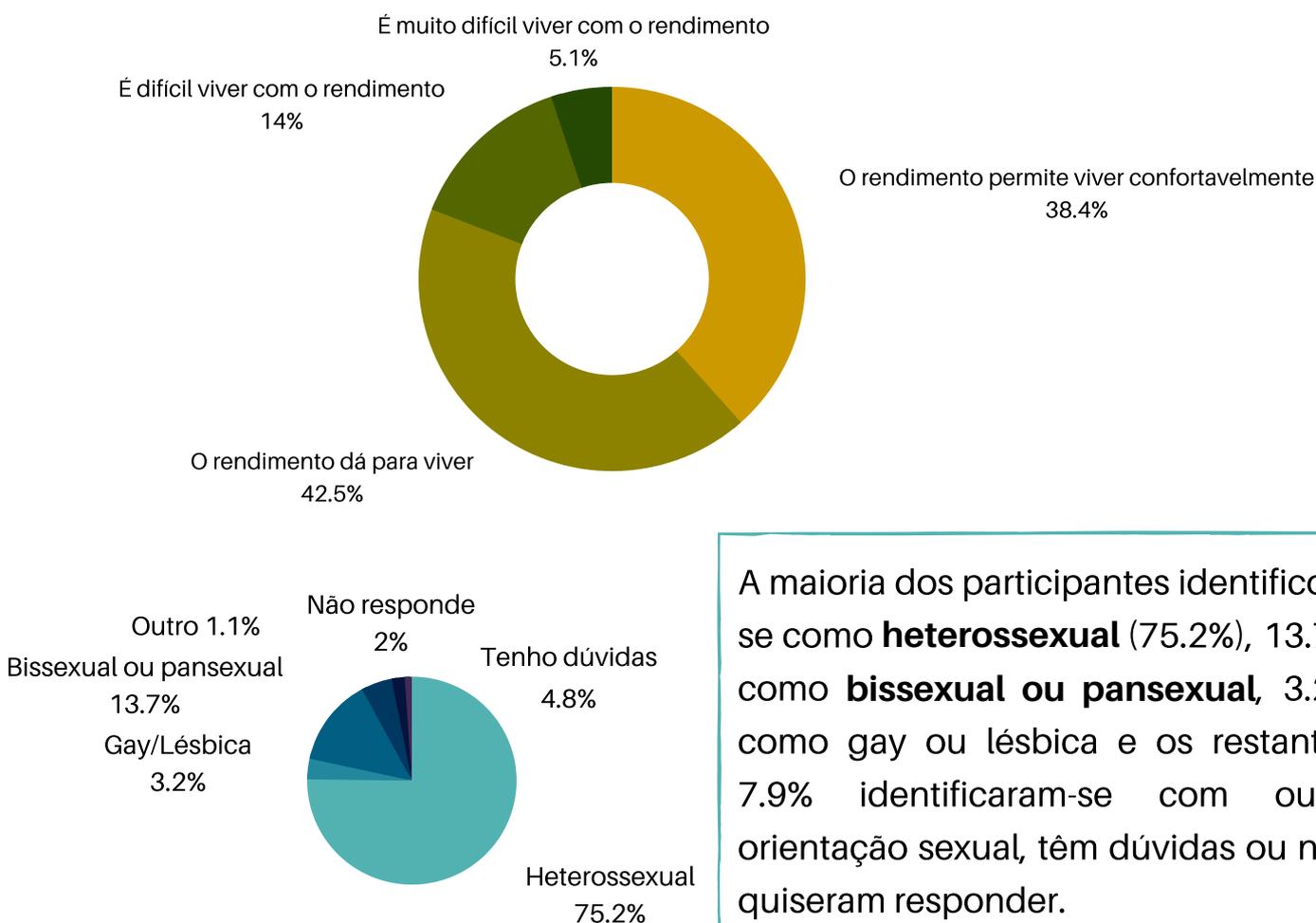


## Metodologia e Amostra

Relativamente ao **nível de ensino**, 54.5% frequentava o ensino superior, 34.2% o ensino secundário e 11.3% o ensino básico.



A maioria dos participantes tinha **nacionalidade portuguesa** (95.4%). Em relação ao **estatuto socioeconómico**, 42.5% dos participantes afirmou que o rendimento atual da sua família dá para viver e 38.4% revelou que o rendimento atual permite viver confortavelmente.



A maioria dos participantes identificou-se como **heterossexual** (75.2%), 13.7% como **bissexual ou pansexual**, 3.2% como gay ou lésbica e os restantes 7.9% identificaram-se com outra orientação sexual, têm dúvidas ou não quiseram responder.



## Tempo passado, em média, por dia, a navegar na Internet (sem ser na telescola)

Uma parte substancial dos/as estudantes (40.3%) passou mais ou menos **6 horas por dia a navegar na Internet**, sem ser em telescola ou ensino à distância.



## Tipo de conteúdos visto com maior frequência na internet

O tipo de conteúdo que a maioria dos/as alunos/as afirmou ver com mais frequência foram as **redes sociais** (93%), seguido de sites de entretenimento, como blogs ou YouTube (66.1%).



A rede social mais utilizada pelos/as participantes foi o **Instagram** (95.7%), seguido do **Facebook** (83.5%) e **Twitter** (65.4%).



**95.7%**



**83.5%**



**65.4%**



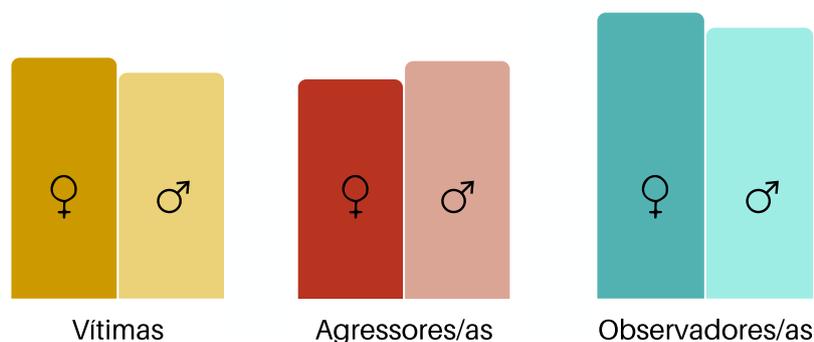
## Experiência de estar no papel de vítima, agressor/a, observador/a da vítima, pelo menos algumas vezes, nos últimos 4 meses



Dos **952** estudantes, 71% afirmou ter sido **vítima** de cyberbullying, pelo menos algumas vezes, nos últimos 4 meses (durante o período de quarentena/ensino à distância); 39% afirmou ter sido **agressor/a** e 80% **observador/a**.

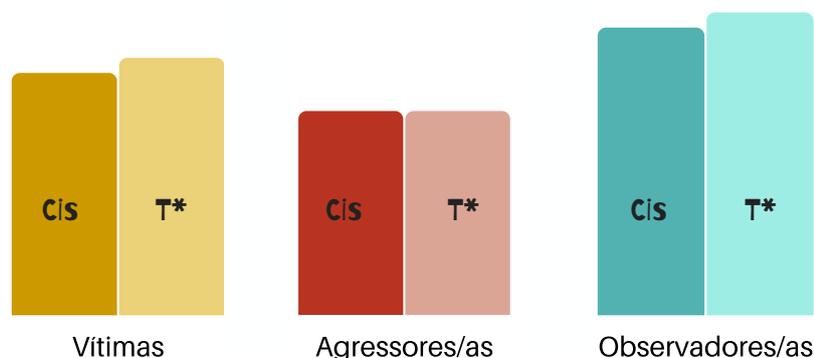


## Sexo dos/as participantes e ocorrência de cyberbullying



Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nos/as estudantes que foram **vítimas**, **agressores** e **observadores** por sexo dos participantes. As estudantes do sexo **feminino** apresentaram maiores níveis médios de **vitimização** e **observação**, comparadas com os estudantes do sexo masculino. Por sua vez, os estudantes do sexo **masculino** apresentaram maiores níveis médios de **agressão**, comparados com as estudantes do sexo feminino.

## Identidade de género dos/as participantes e ocorrência de cyberbullying



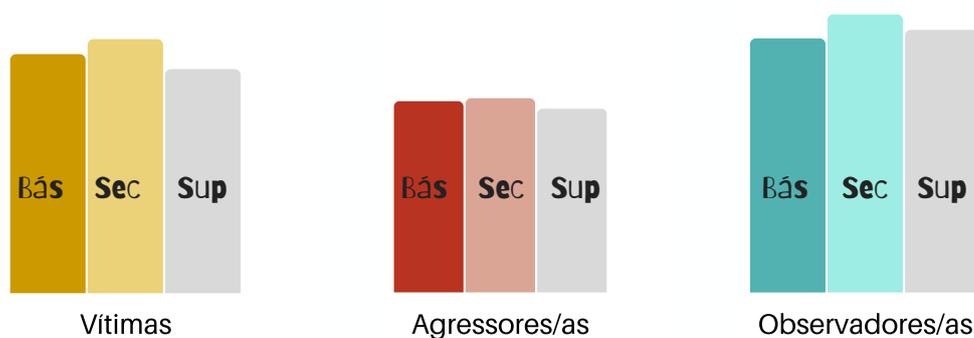
Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nos/as alunos/as por identidade de género (Cisgénero & \*Trans, Não Binário, Questioning).

\*Todas as comparações de médias foram ajustadas (teste Brown-Forsythe) para corrigir a violação do pressuposto de homocedasticidade associada à existência de grupos de comparação com dimensões diferentes.



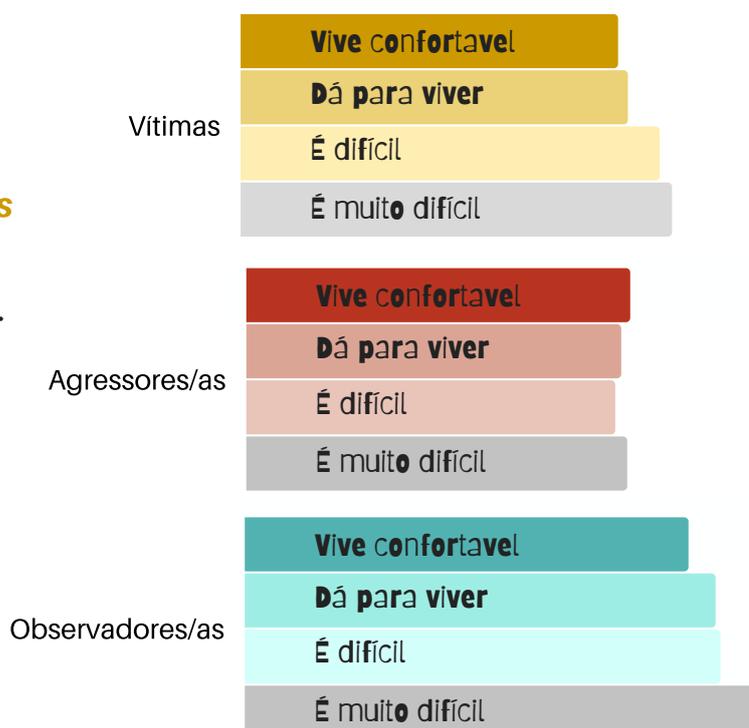
## Nível de ensino e ocorrência de cyberbullying

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes por nível de ensino. Os estudantes do **ensino secundário** apresentaram maiores níveis médios de **vitimização**, comparados com os estudantes do ensino básico e superior. Os estudantes do **ensino secundário** apresentaram ainda maiores níveis médios de **observação** e **agressão** por cyberbullying, comparados com os estudantes do ensino superior.



## Estatuto socioeconómico e ocorrência de cyberbullying

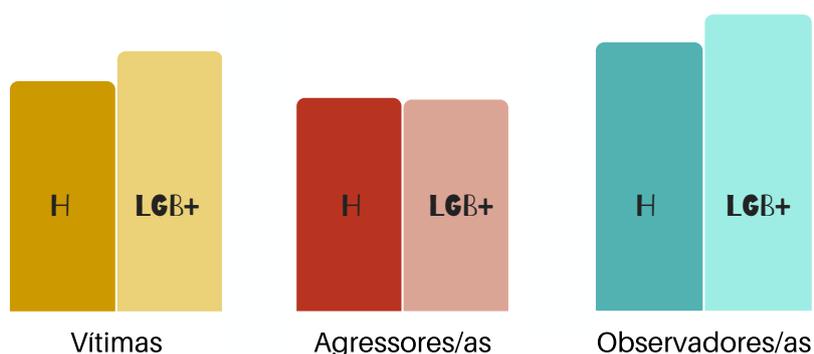
Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nos/as alunos/as que foram **vítimas** e **observadores** por estatuto socioeconómico dos participantes. Os estudantes que consideraram que o **rendimento atual permite viver confortavelmente** apresentaram menores níveis médios de **vitimização** e **observação** de cyberbullying, comparados com os/as restantes estudantes.





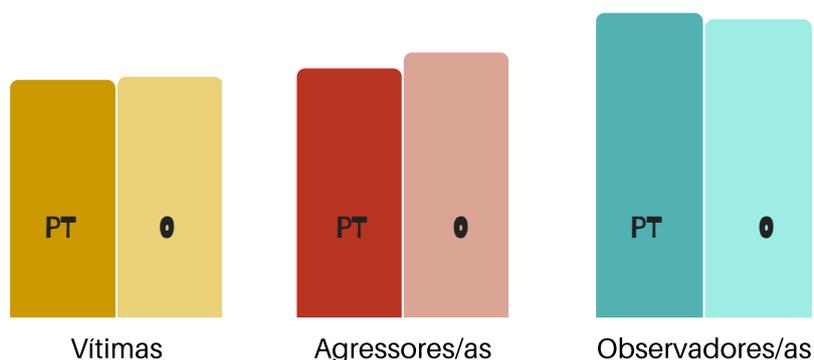
## Orientação sexual e ocorrência de cyberbullying

Relativamente à orientação sexual dos participantes, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nos/as alunos/as que foram **vítimas** e **observadores/as**. Os estudantes Lésbicas, Gays, Bissexuais, Pansexuais e Questioning\* (LGB+) apresentaram maiores níveis médios de **vitimização** e **observação** de cyberbullying, comparados com os estudantes Heterossexuais.



## Nacionalidade e ocorrência de cyberbullying

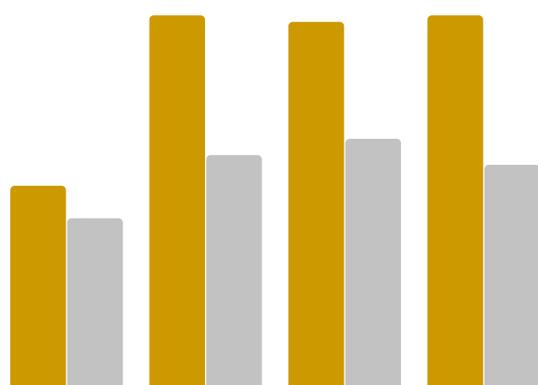
Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nos/as alunos/as por nacionalidade (Portuguesa & Outra nacionalidade).



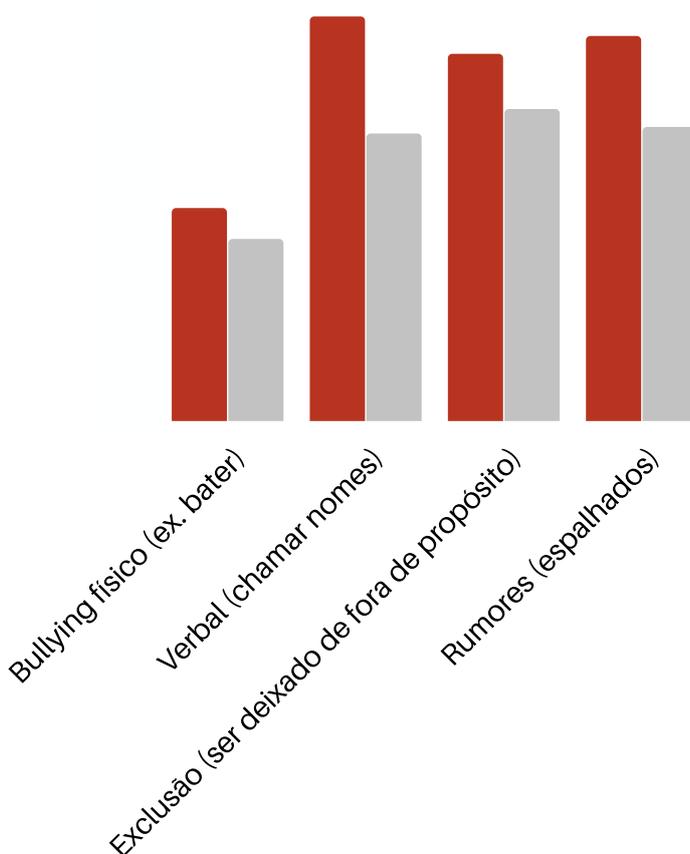


## Envolvimento bullying tradicional (presencial)

Vítimas & Não vítimas



Agressores & Não agressores



Bullying físico (ex. bater)

Verbal (chamar nomes)

Exclusão (ser deixado de fora de propósito)

Rumores (espalhados)

Bullying físico (ex. bater)

Verbal (chamar nomes)

Exclusão (ser deixado de fora de propósito)

Rumores (espalhados)

Relativamente ao envolvimento enquanto **alvo de bullying tradicional** em anos letivos anteriores, os/as alunos/as que foram **vítimas** e os/as alunos/as que foram **agressores/as** de cyberbullying apresentaram maiores níveis médios de envolvimento em bullying presencial no passado, comparados com os/as estudantes que não foram vítimas e que não foram agressores/as.

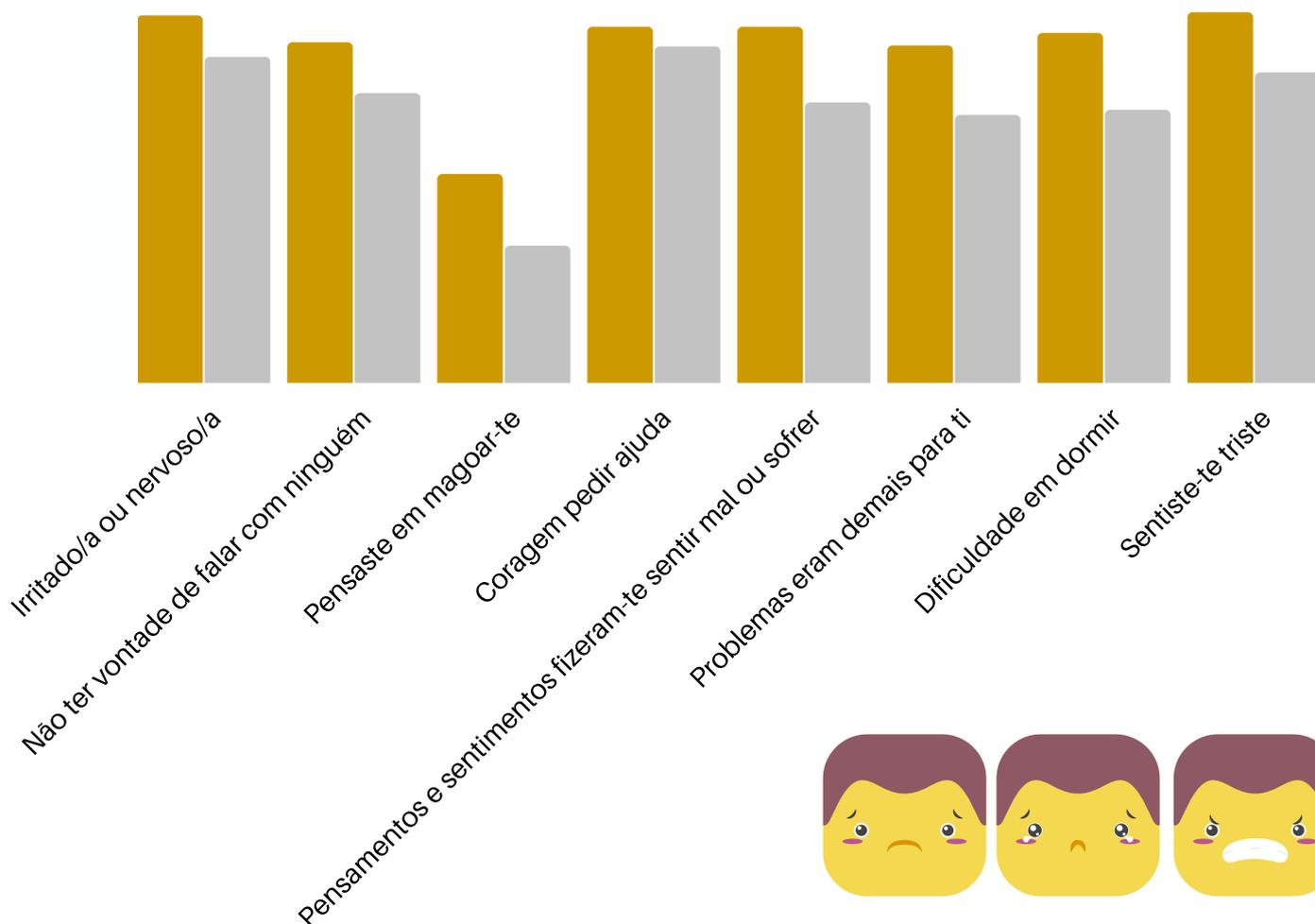




## Consequências psicológicas

*Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre alunos/as que foram vítimas e não-vítimas, em 8 das 10 consequências presentes no questionário.*

Os/as estudantes que foram **vítimas** de cyberbullying apresentaram **maiores níveis médios de consequências psicológicas** (e.g., "Sentiste-te irritado(a) ou nervoso(a)" e "Sentiste-te triste"), comparados com os/as estudantes que não foram vítimas. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas consequências "Sentiste que eras capaz de lidar com as coisas que correm mal" e "Fizeste todas as coisas que querias".





## Satisfação com a vida e envolvimento em cyberbullying

*Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre alunos/as que foram vítimas e não-vítimas e o nível de satisfação com a vida.*

Os/as estudantes que foram **vítimas** de cyberbullying apresentaram **menores níveis médios de satisfação com a vida** (e.g., “Descrevo a minha satisfação com a minha vida familiar como...” e “Descrevo a minha satisfação com a minha experiência na escola como...”), comparados com os estudantes que não foram vítimas.

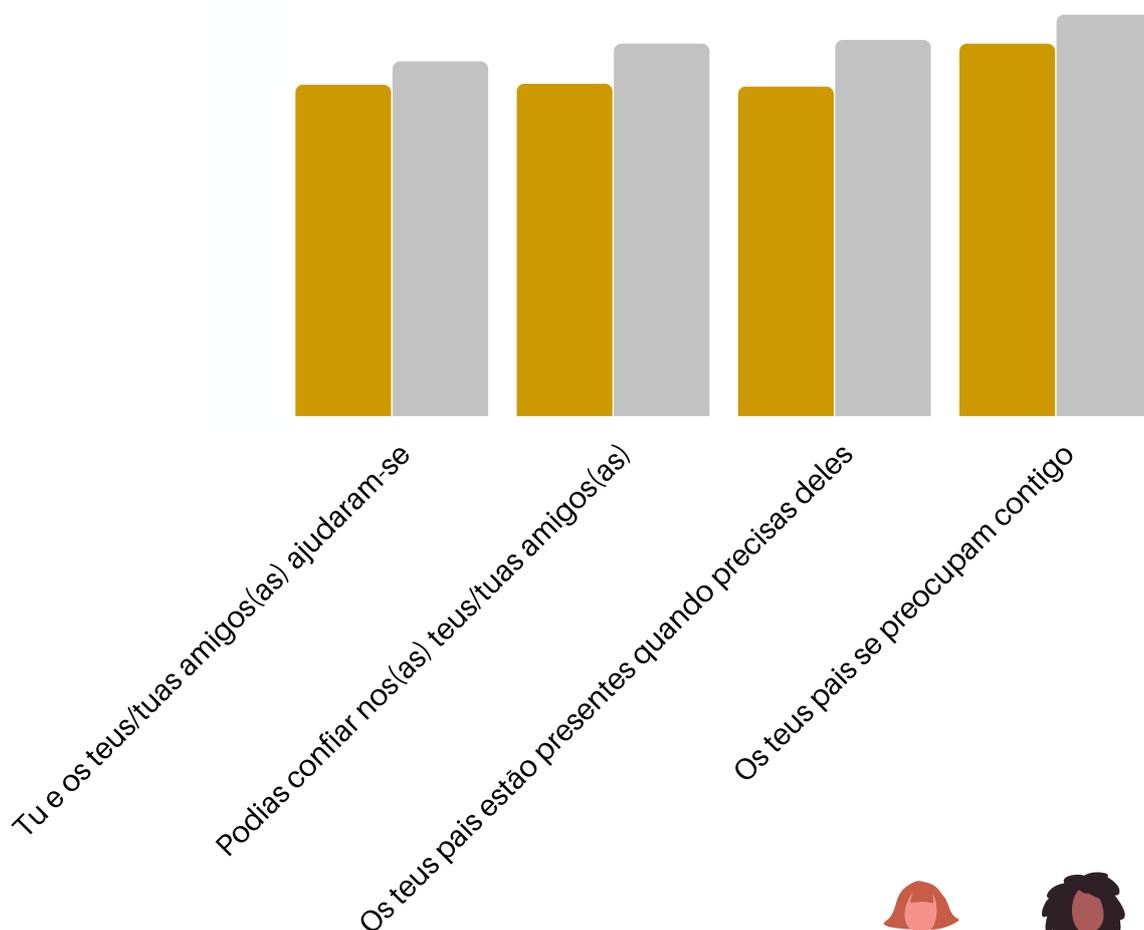




## Suporte parental e suporte social

*Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre alunos/as que foram vítimas e não-vítimas, relativamente aos níveis de **suporte parental e suporte social**.*

Os/as estudantes que foram **vítimas** de cyberbullying apresentaram **menores níveis médios de suporte social** (e.g., "Tu e os teus/tuas amigos(as) ajudaram-se uns aos outros(as)"), e **suporte parental** ("Sentes que os teus pais se preocupam contigo"), comparados com os estudantes que não foram vítimas.

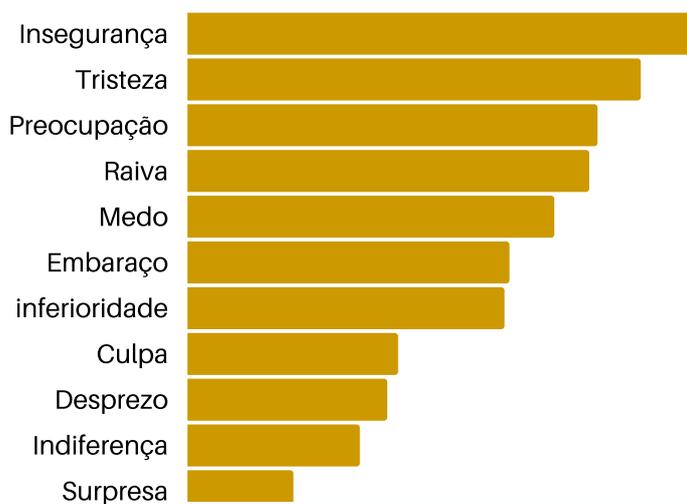




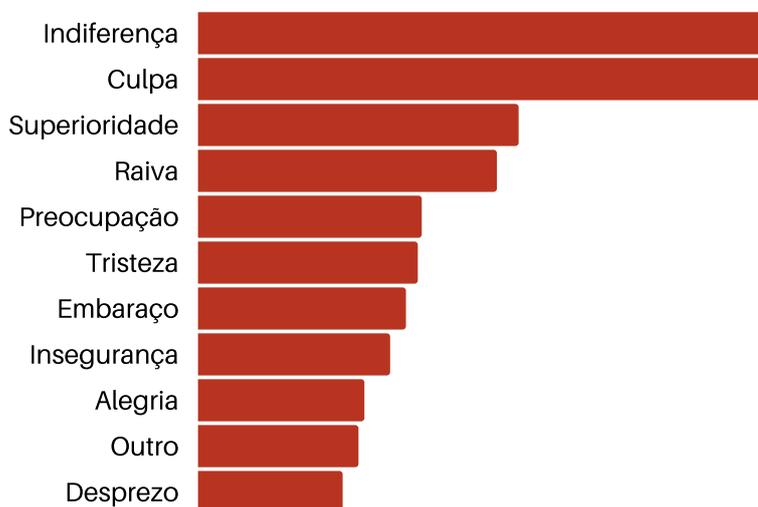
## Emoções e sentimentos decorrentes do cyberbullying

### Vítimas

As emoções mais frequentemente referidas pelos/as alunos/as que foram **vítimas** de cyberbullying foram **insegurança** (61.3%), **tristeza** (54.5%), **preocupação** (49.3%) e **raiva** (48.3%).



### Agressores/as



As emoções mais frequentemente referidas pelos/as alunos/as que foram **agressores/as** foram **indiferença** (28.6%), **culpa** (28.6%), **superioridade** (16.2%) e **raiva** (15.1%).



## Motivos dos/as agressores/as



52%

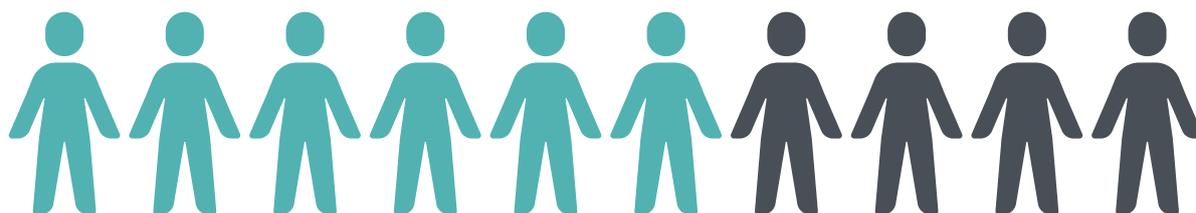


*"Por brincadeira"*

Quanto aos **motivos** identificados pelos/as alunos/as que foram **agressores/as** que os/as levaram a praticar cyberbullying, o motivo mais indicado foi "por brincadeira" (52%), sem consciência aparente da gravidade e das consequências deste tipo de comportamento, seguido dos motivos "por vingança relativamente a episódios que aconteceram" (31%), "porque quis afirmar-me" (10.2%) e "Porque a pessoa encaixa naqueles estereótipos com que é habitual gozar-se" (7.8%).



## Observadores: como impediram a continuidade dessas situações?



Entre os estudantes que **observaram** situações de cyberbullying nos últimos 4 meses, 60% afirmou ter feito algo para impedir a continuidade dessas situações

**60%**

*Fez algo para impedir  
a continuidade do  
cyberbullying*



Entre os estudantes que **observaram** situações de cyberbullying e fizeram algo para impedir, **32.9% afirmou ter apoiado a vítima**, **10.5% aconselhou a vítima a contar a alguém de confiança**, 9.4% usou outra forma e 6.8% afirmou ter tentado perceber a gravidade da situação.

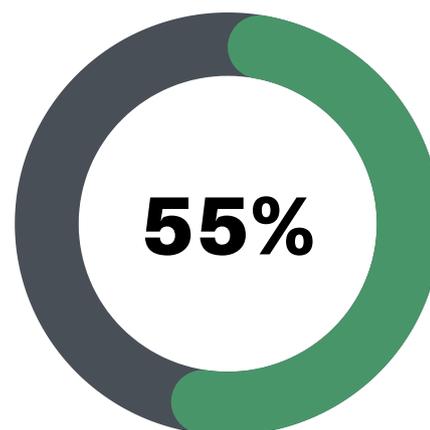
**"Apoiei a vítima"**

**"Aconselhei a contar a  
alguém de confiança"**



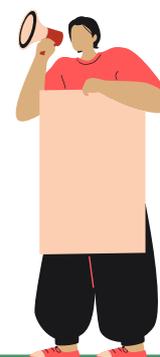
## Mensagens e conteúdo prejudicial e violento online durante a pandemia

**Mais de metade dos estudantes** (55.3%) considerou que existiu um **aumento de mensagens e conteúdo prejudicial e violento online.**



*“À medida que outras crianças tinham mais tempo livre, gastavam-no para se exibirem online enquanto fixavam em alguém para gozar continuamente, um dia essa pessoa fui eu.”*

*Rapariga, 17 anos*



*“Eu acredito que as pessoas que normalmente insultam os outros, fazem-no para se sentirem melhores com elas mesmas, (...) Estando em casa, não era possível insultarem, por isso, faziam-no online (...) podiam esconder-se atrás de um falso perfil, por exemplo, faziam mais frequentemente.”*

*Rapaz, 14 anos*

*“Sinto que antes já eram muitos e o fluxo continuou igual”*

*Rapariga, 20 anos*

*“A quantidade manteve-se”*

*Rapaz, 19 anos*



## Outros comentários e mensagens



*Já me disseram várias vezes pra me matar*

*Rapaz, n/a*



*És tao aesthetic que um dia te parto a boca.*

*Rapaz, n/a*

*Inúmeras mensagens me invalidando como ateu, menino trans, etc, xingamentos e chacotas*

*Rapaz trans, 22 anos*



*Acho que seria importante haver alguma entidade (...) que pudéssemos contactar para falar a respeito deste tema (...) denunciar alguma situação em primeira ou terceira pessoa anonimamente ou não (...) visto que (demasiadas vezes) algumas vítimas são ridicularizadas e desprezadas por quem deviam de ser protegidas*

*Rapariga, 19 anos*

*"não vales nada"... Sofri cyberbullying por parte da minha turma, colocavam coisas nas histórias do Instagram e estavam constantemente a tentar me deitar abaixo, e depois de terem apanhado o meu ponto fraco (ataques de ansiedade e pânico) foi pior ainda porque sabiam como me deitar abaixo.*

*Rapariga, 18 anos*



*Costumavam tirar fotos minhas de durante as aulas online e enviavam a outras pessoas com a intenção de falar da minha aparência.*

*Rapariga, 16 anos*





## Conclusões

Este estudo analisou a frequência de cyberbullying por jovens portugueses durante o **2º período de confinamento obrigatório** decorrente da pandemia do coronavírus (referente aos meses de Janeiro-Abril 2021).

- ★ A maior parte dos estudantes afirma **já ter sido vítima de cyberbullying**
- ★ Os estudantes do **sexo masculino** apresentaram maiores níveis médios de **agressão** e as estudantes do **sexo feminino** maiores níveis médios de **vitimização** por cyberbullying
- ★ Os estudantes que consideram **muito difícil viver com o rendimento** atual da sua família apresentaram maiores níveis médios de **vitimização** por cyberbullying
- ★ Os **estudantes LGB+** apresentaram maiores níveis médios de **vitimização** e **observação** de cyberbullying
- ★ Os estudantes que foram **vítimas** de cyberbullying apresentaram **maiores níveis médios de consequências psicológicas** e **menores níveis de suporte parental e social**
- ★ Mais de metade dos estudantes considera que existiu um **aumento de mensagens e conteúdo prejudicial e violento online durante a pandemia.**

# Balanço 2020 - 2021



1. Verificou-se uma **prevalência mais elevada** de jovens **vítimas** de cyberbullying durante o 2º período de confinamento obrigatório.
2. Existe uma relação entre envolvimento em **bullying tradicional enquanto alvo** e envolvimento em episódios de **cyberbullying**.
3. É necessário ter em conta as **consequências psicológicas** decorrentes do cyberbullying.
4. Revela-se importante trabalhar com os **observadores** para que intervenham mais frequentemente quando assistem a episódios de cyberbullying.
5. Os dados do presente estudo suportam a necessidade de criação de veículos de **redução** das mensagens e conteúdo violento online e de **intervenção** junto dos jovens sobretudo em questões relacionadas com (as consequências) a partilha de conteúdo íntimo.